

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Karen Eppinghaus/Riotur

Desfile da Mangueira no Carnaval 2026

Após o Carnaval...

Lembro-me. Em 2019, campeã com o enredo “História pra ninar gente grande”, desenvolvido pelo carnavalesco Leandro Vieira, a Mangueira riu de heróis da nação. Marcelo Crivella, prefeito que não repassou verba às escolas de samba, provocou a realização de um Carnaval crítico a Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I...

Mas, após a festa de Momo, foliões das periferias do Rio de Janeiro voltaram a se fantasiar de realismo social em seus barracos, localizados em favelas onde o poder público não desfila com a bandeira do saneamento básico, com o abre-alas da segurança, com os adereços da saúde, poque quem ri e brinca agora, após o Carnaval, é o mesmo grupo político que entra na Avenida Eleições a cada quatro anos, diga-se, mascarado com o mesmo rosto de “Eu digo a Verdade”.

A alegria dos humildes da Marquês de Sapucaí nunca se transformou em maioria absoluta na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, ou seja, jamais se afirmou com políticas públicas contínuas no tempo e no espaço, razão de a porta-bandeira da agremiação, após o Carnaval, não colocar sua filha na creche, mesmo porque nem creche existe onde ela mora. Se a alegria de três dias morre no sambódromo, o deputado estadual da Cidade Maravilhosa, votado ao som da urna eletrônica, pula de alegria o ano todo, pois o parlamentar folião legisla em causa própria.

Assim, aos pés do Cristo Redentor, braços abertos formaram a cruz ou o sacrifício de uma Sapucaí que, em 1989, cantou “Ratos e urubus, larguem minha fantasia”. Foi quando o Cristo Mendigo, coberto por sacos de lixo, virou a mesa contra a injustiça social. Já faz 37 anos que a miséria, indiferente à pele, entulha seu peso em rostos negros e brancos. Segundo o IBGE de 2024-2025, a miséria e a pobreza cariocas, exprimidas entre as belezas do mar e das montanhas, totalizam 3,86 milhões de humanos, ou seja, 22% da população do Estado. Somos mais de 8 mil em situação de rua.

Até hoje, ratos e urubus não largam a fantasia de quem deseja justiça social. O gênio Joãozinho Trinta perdeu. O problema agudo e vital do Rio de Janeiro ainda é a miséria, ainda é a pobreza. Com dinheiro emprestado da patroa, Maria da Silva de Jesus, mãe de quatro filhos, pagou 200 reais para ficar de pé no pior e no mais barato setor da Sapucaí. Após a alegria desfilar, Maria voltará para casa num trem lotado de eleitores. Última estação, Japeri, na Chacrinha, rua São Sebastião, onde não há creche. A filha de 10 anos sempre toma conta dos irmãos.

Após a festa de Momo, foliões das periferias voltaram a se fantasiar de realismo social em seus barracos, localizados em favelas onde o poder público não desfila



Fábio Rizental assume a influência do Clube da Esquina em sua trajetória artística

Uma guitarra a serviço de canções eternas

Fábio Rizental presta tributo ao Clube da Esquina em arranjos marcados pelo improviso em show nesta quinta

AFFONSO NUNES

Um mergulho moderno, instrumental e carregado de afeto no universo de Milton Nascimento, Lô Borges e no imaginário musical do Clube da Esquina. Esse é o propósito de “Canções de Minas”, espetáculo que o guitarrista Fábio Rizental apresenta no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca, nesta quinta-feira (19), às 19h.

Referência na cena musical carioca, Rizental construiu sua carreira como autêntico guitarrista de fusion latina, desenvolvendo um estilo técnico e criativo que mistura influências brasileiras com jazz contemporâneo, articulando improvisação, groove e atmosferas etéreas em arranjos renovados para clássicos como do cancionário do Clube da Esquina como “Nuvem Cigana”, “Nada Será Como Antes”, “Clube da Esquina nº 2”, “Um Girassol da Cor do Seu Cabelo”, “Trem Azul” e “Fé Cega, Faca Amolada”, entre outras canções fundamentais do repertório.

Com uma trajetória que inclui participações no Rock in Rio 2013, no Brasil, e no Rock in

Rio Lisboa 2014, Rizental possui uma discografia que reflete seu compromisso com a fusão de gêneros. Entre seus trabalhos estão os álbuns “Noites de Minas” (2017), “Guitarras do Brasil Ao Vivo” (2021), que presta homenagem aos grandes guitarristas brasileiros que influenciaram sua carreira, e “Certas Canções” (2021). O músico tem como referência instrumentistas como Toninho Horta, Ricardo Silveira, Pepeu Gomes e Jeff Beck.

Movimento que emergiu em Belo Horizonte nos anos 1960 e consolidou-se como um dos capítulos mais inventivos da música popular brasileira, o Club da Esquina reuniu em torno de Milton Nascimento e Lô Borges uma geração de compositores, arranjadores e instrumentistas que expandiram as fronteiras da MPB. Incorporando jazz, rock, música erudita, folclore latino-americano e as raízes mineiras, o grupo criou uma estética singular, marcada por harmonias sofisticadas, letras poéticas e uma liberdade criativa. Nomes como Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso e Tavinho Moura integraram esse núcleo que

transformou Minas Gerais em polo de inovação musical, produzindo obras fundamentais como o álbum duplo “Clube da Esquina” (1972), considerado um dos discos mais importantes da história da música brasileira.

Ao revisitar esse repertório, Rizental estabelece um diálogo entre tradição e contemporaneidade, explorando a complexidade harmônica e melódica das composições através de sua guitarra e da interação com os músicos que o acompanham. “Canções de Minas” celebra melodias marcantes da MPB revisitadas com liberdade criativa por um guitarrista que une técnica, sensibilidade e profunda musicalidade. A apresentação já passou por palcos como Blue Note Rio, Soberano Jazz Club, Espaço Sérgio Porto, Teatro Café Pequeno, Teatro Brigitte Blair e pelo Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras.

SERVIÇO**FÁBIO RIZENTAL - CANÇÕES DE MINAS**

Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca)
19/2, às 19h
Entrada: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)